

Percepção da imagem corporal de adolescentes escolares brancas e não brancas de escolas públicas do Município de Gravataí, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil

doi: 10.5123/S1679-49742011000300011

Body Image Perception of White and Non-White Female Adolescents of City's Public Schools in the Municipality of Gravataí, State of Rio Grande do Sul, Brazil

Denise Aerts

Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Luterana do Brasil, Canoas-RS, Brasil
Curso de Medicina, Universidade Luterana do Brasil, Canoas-RS, Brasil

Hosana Chinazzo

Acadêmica do Curso de Medicina, Universidade Luterana do Brasil, Canoas-RS, Brasil

João Alberto dos Santos

Acadêmico do Curso de Medicina, Universidade Luterana do Brasil, Canoas-RS, Brasil

Nara Regina Oserow

Acadêmica do Curso de Medicina, Universidade Luterana do Brasil, Canoas-RS, Brasil

Resumo

Objetivo: investigar a percepção da imagem corporal de meninas brancas e não brancas segundo inserção econômica, atividade física, estado nutricional e maturidade sexual. **Metodologia:** estudo transversal com amostra de 710 adolescentes femininas matriculadas entre a 5ª e a 8ª séries das escolas públicas municipais do Município de Gravataí, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, no ano de 2005; utilizou-se o 'Body Shape Questionnaire' para avaliar a percepção da imagem corporal e as demais variáveis foram extraídas de outros instrumentos auto-aplicáveis; as associações de interesse foram testadas com o χ^2 de associação. **Resultados:** em relação à imagem corporal, 60,0% das meninas não estavam preocupadas e 4,7% estavam gravemente preocupadas; houve associação entre percepção da imagem corporal e cor da pele ($p=0,005$), estado nutricional ($p=0,000$) e maturidade sexual ($p=0,000$); essas associações mantiveram-se significativas não obstante o controle para a cor da pele. **Conclusão:** os resultados sugerem que a cor de pele branca, o peso excessivo e a fase pós-puberal são fatores de risco para insatisfação com a imagem corporal entre as jovens estudadas.

Palavras-chave: saúde do adolescente; escolares; imagem corporal; raça.

Summary

Objective: the study aims to investigate the body image perception of white and non-white girls according to socioeconomic status, physical activity, nutritional status, and sexual maturity. **Methodology:** a cross-sectional study with a sample of 710 female adolescents, enrolled from the 5th to the 8th grade at city's public schools of Gravataí, State of Rio Grande do Sul, Brazil, in 2005; the 'Body Shape Questionnaire' was used to assess body image perception; other variables were collected by means of other self-administered instruments; the associations of interest were tested using the chi-square test. **Results:** with regard to body image, 60.0% of the girls were not concerned with that topic and 4.6% were seriously concerned; there was association between body image perception and skin color ($p=0.005$), nutritional status ($p=0.000$), and sexual maturity ($p=0.000$); these associations were also significant even after controlling for skin color. **Conclusion:** results suggest that white skin color as well as excessive weight and post-puberty sexual maturity status are risk factors for dissatisfaction with the body image among school teenagers in this population.

Key words: adolescent health; students; body image; skin color.

Endereço para correspondência:

Av. Ganzo, 238, Menino Deus, Porto Alegre-RS, Brasil. CEP: 90150.070
E-mail: daerts@via-rs.net

Introdução

Durante a adolescência, a auto-estima está associada à percepção que o jovem tem de seu corpo,¹ em grande parte às transformações físicas e emocionais marcadas pelo desenvolvimento de características sexuais secundárias: a transição entre a infância e a idade adulta. Simultaneamente, o adolescente necessita elaborar o luto da perda de sua imagem infantil e buscar uma identidade preparatória para a vida adulta,² a partir da percepção de sua nova aparência física. É um período crítico pelo aumento da preocupação com a imagem corporal.³

A maioria das adolescentes idealiza um modelo de corpo que, normalmente, segue o padrão de beleza esguio divulgado pela mídia. Quanto mais o corpo real se distancia do corpo idealizado, maior será a possibilidade de conflito e comprometimento da auto-estima.⁴

Por imagem corporal entende-se a forma como o indivíduo se percebe e sente em relação ao próprio corpo.⁵ A imagem do corpo funciona como um retrato formado pelo sujeito, expandindo-se com suas experiências, em constante transformação. Não obstante, é provável que na adolescência convivam diversos fatores a influenciar da autopercepção corporal, como as características raciais e étnicas e os distintos ideais culturais. Estudo realizado em Minnesota, Estados Unidos da América (EUA), mostrou que adolescentes de origem africana e miscigenadas relataram maior satisfação corporal. Comparadas às caucasianas, as afrodescendentes expressaram quase três vezes mais satisfação. As hispânicas e asiáticas também se declararam menos satisfeitas comparativamente às afrodescendentes.⁶

A inserção econômica também costuma ser relacionada à autopercepção corporal. O fato de mulheres de classe econômica mais elevada terem maior acesso à mídia e informações torna-as mais suscetíveis ao padrão de beleza hegemônico na sociedade e, por isso, menos satisfeitas com a própria imagem.^{7,8}

A prática regular de atividade física é um aspecto importante na promoção da saúde e na qualidade de vida dos grupos populacionais⁹ e pode estar relacionada à imagem corporal.¹⁰ Estudo constatou que a insatisfação com o próprio corpo não servia de motivação para a adoção de comportamentos adequados de controle de peso, como exercícios.¹¹

A forma como o indivíduo percebe seu corpo também pode ser influenciada pela maturidade sexual. Meninas mais maduras costumam ser insatisfeitas com a imagem que fazem de si, a qual está diretamente relacionada ao aumento da gordura corporal.¹² Sobre essa relação entre índice de massa corporal e percepção corporal,^{2,3,13} por exemplo, em São Paulo, aproximados 39,0% de meninas eutróficas percebiam-se com sobrepeso e destas, 47,0% consideravam-se obesas.¹³

O presente estudo teve como objetivo investigar a percepção da imagem corporal de meninas brancas e não brancas, matriculadas entre a 5ª e a 8ª séries de escolas públicas do Município de Gravataí, Estado do Rio Grande do Sul, segundo inserção econômica, prática de atividade física, maturidade sexual e estado nutricional.

Metodologia

Trata-se de um estudo transversal cuja população-alvo é composta por cerca de 4.800 adolescentes meninas, matriculadas entre a 5ª e a 8ª séries de escolas públicas municipais de Gravataí-RS. O Município contava uma população estimada de 261.150 habitantes em 2007¹⁴ e a rede municipal de ensino dispunha de 66 escolas, 52 delas urbanas.

O cálculo do tamanho da amostra considerou uma prevalência de 50,0% para insatisfação da imagem corporal, erro máximo de $\pm 4,5\%$ e $p < 0,05$, estimou 432 estudantes. Esse número foi encontrado mediante cálculo de tamanho amostral para estudos transversais disponível no programa Epi Info. Aplicado sobre ele um efeito de delineamento de 1,5, a amostra passou para 648 alunas. Este número ainda foi ampliado em 20,0%, para suprir a estimativa de perda em quantitativo dessa magnitude, totalizando 778 meninas.

Essa amostra foi estratificada segundo o número de alunas matriculadas em cada série. Por sorteio, definiu-se o número de turmas necessárias (e as respectivas escolas) de cada série até se alcançar o número calculado para a amostra.

Durante o processo de coleta de dados, foram excluídas 71 adolescentes cujos a) pais ou responsáveis se recusaram a autorizar sua participação, ou b) faltaram às aulas e não foram contactadas em três tentativas ou c) evadiram da escola. Concluída a coleta de dados, a amostra do estudo resultou em 710 meninas.

Alunos de graduação na área da Saúde e mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva atuaram como coletadores. Nas escolas que tiveram turmas sorteadas, a coleta dos dados em sala de aula utilizou quatro instrumentos autoaplicáveis.

As questões relacionadas à imagem corporal foram obtidas pelo 'Body Shape Questionnaire (BSQ)', criado por Cooper e colaboradores¹⁵ e válido para aplicação em adolescentes no Brasil.¹⁶ Da análise das respostas a 34 perguntas, pôde-se avaliar o medo do ganho de peso, a baixa estima relacionada à aparência física, o desejo da perda de peso e a insatisfação com o próprio corpo. De acordo com a soma dos pontos, as entrevistadas foram classificadas em quatro categorias de preocupação com sua imagem: não preocupadas (≤ 80 pontos); levemente preocupadas (81 a 110 pontos); moderadamente preocupadas (111 a 140 pontos); e gravemente preocupadas (≥ 141 pontos). Para o estudo da associação entre o desfecho e os fatores em estudos, as duas últimas categorias foram agrupadas, dado o pequeno número de meninas que se referiram à última categoria.

O instrumento utilizado para classificação do nível econômico foi baseado em questionário desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP).¹⁷ Essa classificação é obtida mediante a pontuação de itens indicadores de posse e grau de instrução do chefe de família, de forma a identificar cinco classes – ou categorias – econômicas: A; B; C; D; E. O número de sujeitos nos extremos dessa classificação mostrou-se pequeno e as cinco categorias inicialmente consideradas foram agrupadas em apenas três: (A+B); C; (D+E).

As questões relativas à prática de atividade física foram elaboradas com base no 'Questionário Internacional de Atividade Física (IPAC).¹⁸ Foram consideradas 'insuficientemente ativas' as adolescentes que realizavam menos de 300 minutos semanais de atividades com gasto de energia; e 'suficientemente ativas', aquelas que realizavam mais de 300 minutos dessas atividades.

Para a classificação da maturidade sexual, estes autores adotaram a ficha de Tanner,¹⁹ instrumento com desenhos representativos do corpo em cinco etapas de desenvolvimento das mamas e pêlos pubianos no sexo feminino. As meninas apontaram, entre cinco imagens-estágios, o que mais se assemelhava à situação atual de seu corpo. Para análise, os dados coletados foram assim agrupados: período pré-puberal (estágios 1 e

2); aceleração da maturidade sexual (estágio 3); e desaceleração da maturidade sexual (estágios 4 e 5).

Também se fez uso de uma ficha de antropometria, para registro de peso, altura, sexo e cor de pele auto-referida. A antropometria foi realizada em ambiente privado, onde as meninas, vestidas apenas com calcinha, sutiã e uma camiseta oferecida pela equipe, tiveram suas medidas tomadas, bem como seu peso sendo descontado em 200g. A estatura foi aferida por estadiômetro de metal com precisão milimétrica, e o peso aferido com o auxílio de uma balança digital Seca/Unicef, com capacidade para 150kg e precisão de 50g. As técnicas utilizadas são as recomendadas pela Organização Mundial da Saúde.²⁰ Calculou-se o índice de massa corporal (IMC).

A adolescência é um período crítico, pelo aumento da preocupação com a imagem corporal.

A classificação do estado nutricional, inicialmente, adotou a população de referência da distribuição percentilar proposta por Must e colaboradores.²¹ As meninas com percentil igual ou superior a 50 foram reavaliadas utilizando-se a classificação de Cole e colaboradores,²² mais adequada quando se pretende destacar 'sobrepeso' e 'obesidade'. Novamente aqui, o pequeno número de meninas nas categorias extremas fez com que os autores decidissem agrupá-las em três categorias: desnutridas/risco nutricional ($<P10$); eutróficas ($P10$ a $P85$); sobrepeso/obesas ($>P85$).

Os dados sobre cor da pele, auto-referida pelas adolescentes entre branca, parda, preta, amarela e indígena, foram agrupados em apenas duas: branca e não branca.

Utilizou-se o teste do qui-quadrado (χ^2) para investigar as associações de interesse e análise estratificada, considerando-se como de significância estatística os valores encontrados para $p < 0,05$.

Considerações éticas

O presente estudo constitui um dos projetos satélites da pesquisa 'A saúde do escolar da rede pública municipal de Gravataí-RS', aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Luterana do Brasil com o nº 375H/2004. Para que as estudantes participassem

do estudo, seus pais ou responsáveis assinaram um 'Termo de Consentimento Livre e Esclarecido' sobre o projeto da pesquisa.

Resultados

A maioria das meninas (60%) não estava preocupada com sua imagem corporal. O restante da amostra ficou distribuído da seguinte forma: 23,7% sentiam-se levemente preocupadas, 11,6% moderadamente e 4,7% gravemente preocupadas.

A média da idade das estudantes foi de 12,81 anos, variando de dez a 18 anos (DP= ±1,66 anos). Entre as meninas estudadas, 50,2% declararam-se não brancas. Quanto ao nível econômico, 51,5% das jovens inseriram-se na categoria C, 31,7% na A/B e apenas 16,8% na categoria D/E. E em relação à atividade física, 67,3% estavam insuficientemente ativas, isto é, desenvolviam menos de 300 minutos/semana (Tabela 1).

Conforme a classificação de Tanner, 47,2% estavam na fase de aceleração da maturidade sexual, 28,6% em fase de desaceleração e 24,2% no período pré-puberal. Quanto ao estado nutricional, 68,2% foram classificadas como eutróficas. A prevalência de sobrepeso

e obesidade foi maior que o dobro (21,6%) do risco nutricional/desnutrição (10,2%) (Tabela 1).

Na percepção da imagem corporal segundo os fatores em estudo (Tabela 2), o percentual de meninas brancas moderadamente/gravemente preocupadas com sua imagem corporal (19,9%) é maior que o das não brancas (12,7%) na mesma categoria. Entre as meninas não preocupadas com sua imagem, encontrou-se uma diferença estatisticamente significativa: 65,6% das não brancas contra 54,3% das brancas.

Não se encontrou associação significativa entre imagem corporal e inserção econômica, o mesmo em relação à atividade física. Quando estudada a associação entre maturidade sexual e imagem corporal, entretanto, percebe-se que, quanto maior a maturidade, maior é o percentual de preocupação com a imagem (Tabela 2). A análise estratificada mostrou que, mesmo com controle para a cor da pele, a associação entre maturidade sexual e imagem corporal continuou significativa. Constata-se, ainda, que essa preocupação é maior entre as meninas brancas (Figura 1).

Também se encontrou associação significativa entre estado nutricional e percepção da própria imagem: à medida que aumentou o IMC, cresceu a preocupação

Tabela 1 - Distribuição das adolescentes segundo a percepção da imagem corporal, cor da pele, inserção econômica, atividade física, maturidade sexual e estado nutricional no Município de Gravataí-RS, Brasil, 2005

Variáveis	n	%
Cor da pele auto-referida		
Branca	352	49,8
Não Branca	355	50,2
Inserção econômica		
A/B	224	31,7
C	364	51,5
D/E	119	16,8
Atividade física		
Ativa	231	32,7
Insuficientemente ativa	476	67,3
Maturidade sexual		
Período pré-puberal	171	24,2
Aceleração da maturação sexual	334	47,2
Desaceleração da maturação sexual	202	28,6
Estado nutricional		
Desnutrida/Risco nutricional	72	10,2
Eutrófica	482	68,2
Sobrepeso/Obesa	153	21,6
TOTAL	707	100,0

Tabela 2 - Distribuição das adolescentes nas variáveis cor da pele auto-referida, inserção econômica, atividade física, maturidade sexual e estado nutricional segundo percepção da imagem corporal no Município de Gravataí-RS. Brasil, 2005

Variáveis	Percepção da imagem corporal						χ^2	p
	Não preocupadas		Levemente preocupadas		Moderada/grave preocupadas			
	n	%	n	%	n	%		
Cor da pele auto-referida								
Branca	191	54,3	91	25,9	70	19,9	10,75	0,005
Não Branca	233	65,6	77	21,7	45	12,7		
Inserção econômica								
A/B	139	62,1	46	20,5	39	17,4	3,05	0,550
C	219	60,2	91	25,0	54	14,8		
D/E	66	55,5	31	26,1	22	18,5		
Atividade física								
Ativa	140	60,6	55	23,8	36	15,6	0,12	0,941
Insuficientemente ativa	284	59,7	113	23,7	79	16,6		
Maturidade sexual (MS)								
Período pré-puberal	123	71,9	35	20,5	13	7,6	21,33	0,000
Aceleração da MS	198	59,3	80	24,0	56	16,8		
Desaceleração da MS	103	51,0	53	26,2	46	22,8		
Estado nutricional								
Desnutrido/Risco nutricional	62	86,1	9	12,5	1	1,4	69,77	0,000
Eutrófica	306	63,5	113	23,4	63	13,1		
Sobrepeso/Obesa	56	36,6	46	30,1	51	33,3		

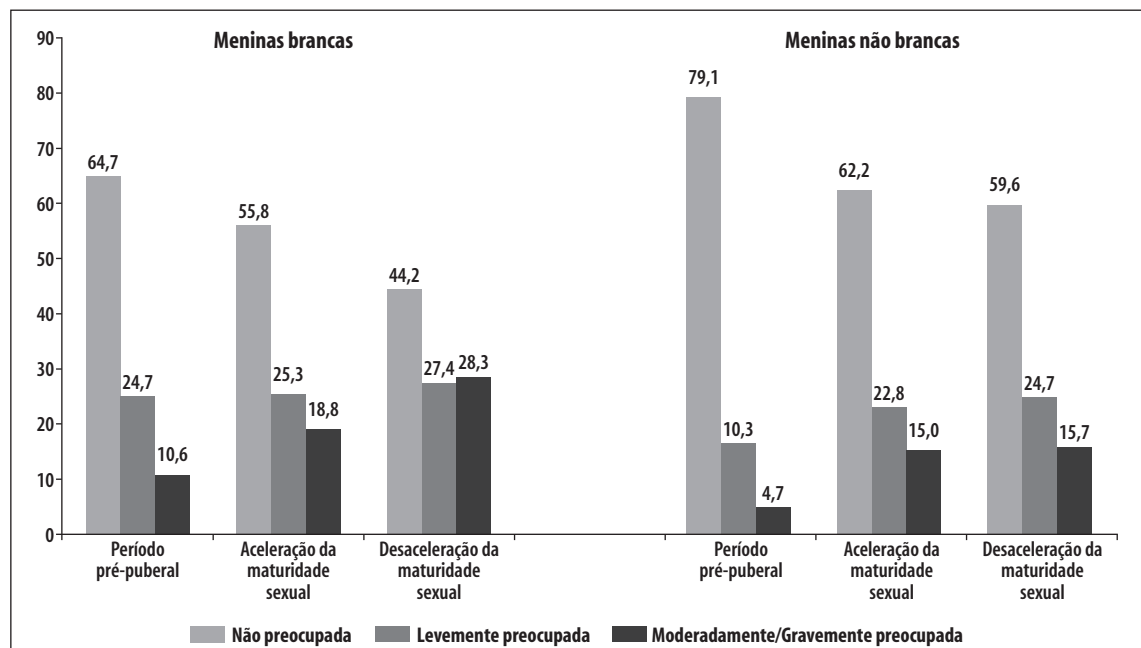


Figura 1 - Preocupação com a imagem corporal segundo a maturidade sexual de meninas brancas e não brancas no Município de Gravataí-RS. Brasil, 2005

decorrente dessa percepção (Tabela 2). Se por um lado, 36,6% das meninas com sobrepeso/obesidade apresentavam-se satisfeitas com seu corpo, 36,5% das eutróficas manifestavam algum sinal de insatisfação. Observou-se, ainda, o caso de uma jovem branca com IMC de 14,6 que apresentou uma pontuação no BSQ de 118, classificando-se como moderadamente preocupada.

A análise da associação entre o estado nutricional e o desfecho, estratificada pela cor da pele, mostrou que a preocupação com a imagem é mais frequente nas meninas brancas do que nas meninas não brancas ($p=0,000$). Entre as brancas obesas/sobrepeso, 37,2% estavam moderada/gravemente preocupadas com sua imagem frente a 28,4% de não brancas na mesma categoria (Figura 2).

Discussão

Esta pesquisa investigou a percepção da imagem corporal de meninas de 5ª a 8ª série da rede pública de ensino de Gravataí. Em função do processo de amostragem e do tamanho da amostra obtido, acredita-se que as meninas estudadas representam as escolares do ensino público municipal, semelhantes às jovens desse segmen-

to de outras cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre, capital do Estado, embora diferentes das que estão fora da escola ou que estudam na rede particular.

A média da idade foi de 12,8 anos, evidenciando que se encontram na adolescência, período de maior preocupação com a imagem, em função das intensas transformações corporais.¹³

Outros estudos têm demonstrado que a prevalência de insatisfação de meninas com a própria imagem é bastante elevada.²³⁻²⁵ Em Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, 61,4% das meninas estavam insatisfeitas²³ e, em estudo sobre dois pequenos municípios gaúchos – Dois Irmãos e Morro Reuter –, encontrou-se um percentual de 63,9% de insatisfação entre escolares de oito a dez anos de idade.²⁴ Para Porto Alegre, entre escolares de oito a 11 anos, a prevalência encontrada foi ainda mais alta: 82,0%.²⁵ Diferentemente, em Florianópolis, capital de Santa Catarina, estudo com alunas do ensino fundamental e do ensino médio, de escolas públicas e privadas, utilizando o BSQ, constatou que apenas 18,8% estavam insatisfeitas com a imagem.²⁶

Ricciardelli e McCabe,²⁷ ao revisarem trabalhos produzidos na Austrália, Croácia, Inglaterra, México, Suíça e EUA, encontraram prevalências que, embora

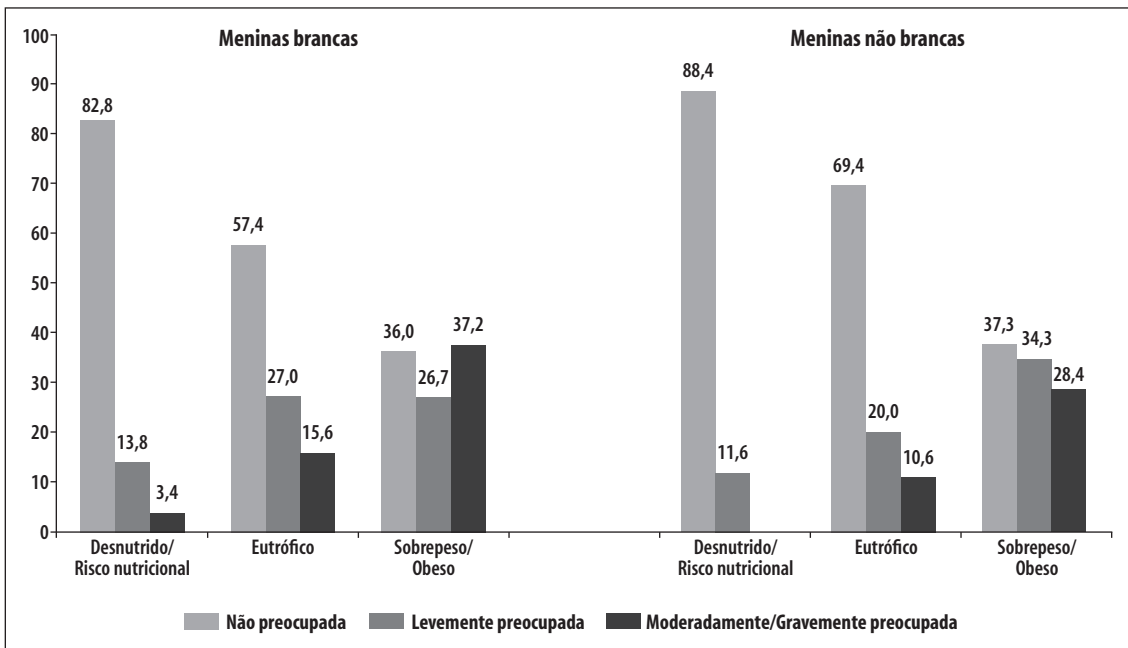


Figura 2 - Preocupação com a imagem corporal segundo o estado nutricional de meninas brancas e não brancas no Município de Gravataí-RS, Brasil, 2005

diferentes entre si, eram bastante altas e demonstravam a elevada preocupação com a imagem corporal também em adolescentes de outros países.

Em Gravataí, 40,0% das jovens encontravam-se insatisfeitas com seu corpo e apenas 4,6% estavam gravemente preocupadas com sua imagem. A baixa prevalência de preocupação com a imagem corporal, em comparação com os resultados dos estudos já citados, parece estar relacionada ao fato de se tratar de uma amostra bastante homogênea. A maioria das adolescentes era eutrófica, insuficientemente ativa e pertencente a classes sociais menos favorecidas, além de todas serem estudantes de escolas públicas. As jovens eram bastante semelhantes entre si e, possivelmente, não se sentiam cobradas quanto a sua imagem corporal. As pessoas aprendem a avaliar seus corpos a partir de sua interação com o ambiente,²⁸ especialmente com seus pares, comparando-se com o padrão de beleza vigente.

Embora a mídia e o senso comum estimulem a preferência por determinada forma ou aparência física feminina – a que as jovens estão expostas, em diferentes níveis – é na cultura do meio em que as adolescentes vivem, reforçada pela família e amigos, que se encontra a maior influência na definição da preferência por um modelo de corpo.²³ Esse achado talvez explique os resultados aqui encontrados. É possível que haja uma cultura de encorajamento da satisfação corporal e valorização de aspectos da saúde, contribuindo para a maior aceitação do próprio corpo.

Outro aspecto que pode ter colaborado para os resultados do presente estudo é o fato de a proporção de meninas brancas e não brancas ser extremamente semelhante e as últimas apresentarem maior preocupação com sua imagem. Entre os estudos citados, é provável que a proporção de meninas brancas fosse maior do que em Gravataí-RS, contribuindo para mais altas prevalências de insatisfação.

A característica da amostra quanto à cor da pele diferencia-se da composição de raça/cor dos gaúchos – 82,6% de indivíduos brancos –,¹⁴ possivelmente em razão da amostra ter sido coletada na rede pública municipal, de grande capilaridade nas comunidades carentes, locais onde a proporção de não brancos é maior.

Foi interessante analisar a associação entre o desfecho e os fatores em estudo segundo cor de pele. Foram encontrados poucos artigos brasileiros tratando

desse tema. Mulheres brancas e não brancas, sujeitas a diferentes condições de vida, sofrem distintos tipos de discriminação e preconceitos sociais e raciais.²⁹ Acredita-se que a cor de pele faça com que as mulheres percebam seus corpos de forma diversa.

Segundo pesquisa com estudantes de Belo Horizonte-MG de ambos os sexos, entre seis e 18 anos de idade, houve diferenças significativas entre os grupos de cor de pele: 33,3% dos estudantes negros apresentaram insatisfação, comparados com 32,7% dos estudantes de cor parda; e com 23,6% dos estudantes brancos, os mais satisfeitos.²³

Diferentemente desse resultado, pesquisa realizada com adolescentes escolares americanos comparou o peso referido entre diferentes etnias e identificou que meninas afro-americanas estavam menos preocupadas com seu peso do que as caucasianas.³⁰ Na África do Sul, a prevalência de estudantes adolescentes brancas insatisfeitas com sua imagem é significativamente mais alta,³¹ como em Gravataí, onde estes autores observaram serem as meninas brancas mais insatisfeitas com seu corpo do que as não brancas.

A distribuição das estudantes quanto à inserção econômica revelou que a maioria se encontrava na categoria C, classe intermediária. Quando avaliada sua associação com a percepção da imagem, não se encontrou significância estatística. Em Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso, verificou-se que a satisfação com a própria imagem era tão maior quanto mais alta a classe social.⁷ A falta de associação detectada no presente estudo pode ter sido determinada tanto pela homogeneidade da amostra como também é possível que a diferença de classe social não influencie na satisfação das jovens de Gravataí com o próprio corpo.

Apesar de a atividade física ser um importante determinante das características físicas dos adolescentes e a maioria das meninas se apresentarem insuficientemente ativas, não se evidenciou associação com o desfecho. A percepção da imagem corporal foi extremamente semelhante entre as duas categorias de atividade física. Não obstante, estudo realizado em Pelotas-RS mostrou um nível de sedentarismo de 39,0%, mais alto entre as meninas – 54,5% – do que nos meninos – 22,2%. Os que praticavam mais atividade física eram mais insatisfeitos com seu corpo, quando comparado aos que desenvolviam menos atividades.¹⁰

Em Gravataí, a maior parte das meninas encontrava-se na fase de aceleração da maturação sexual, carac-

terizada pelo estirão pubertário, com modificações da composição corporal em decorrência do aumento do tecido adiposo, magro e ósseo.³² Porém, as que apresentaram mais preocupação com a imagem foram as de maior maturidade sexual. Estudo realizado com meninas de dez a 14 anos, utilizando a idade cronológica para avaliar a maturidade, identificou o mesmo comportamento: as meninas pós-púberes se mostraram mais insatisfeitas do que as púberes.¹²

Acredita-se que a passagem do corpo infantil para o adulto aumenta a preocupação com a imagem corporal. As pré-púberes ainda apresentam um corpo com características infantis e, possivelmente, uma identidade também infantil. Talvez em função disso, encontrou-se mais satisfação com a imagem entre elas. Em contrapartida, as que se encontram em fase de desaceleração já apresentam características semelhantes aos adultos, podendo adotar, de forma mais estruturada, os ideais de beleza do mundo adulto. Possivelmente, o fato de as pós-púberes estarem em busca de uma nova identidade faz com que se encontrem mais preocupadas com a própria imagem.

Sobre o estado nutricional, diversos estudos³²⁻³⁴ alcançaram resultados semelhantes aos desta pesquisa: quanto maior o IMC, maior a preocupação com a imagem. Em São Paulo, pesquisa realizada com adolescentes de 14 a 19 anos de idade verificou que a insatisfação com a própria imagem foi mais prevalente entre os adolescentes com sobrepeso e obesidade, superior, inclusive, à das meninas.¹³ É mister, entretanto, observar que quase 40,0% das estudantes de Gravataí com sobrepeso/obesidade não referiram preocupação com seu corpo.

Pesquisa realizada em Ribeirão Preto-SP revela que obesas, ao apontar a forma de seu corpo em um teste

de silhuetas, escolheram figuras inadequadas a sua imagem real.³⁵ Talvez essa escolha correspondesse à expectativa de um corpo idealizado, o que justificaria a não preocupação com sobrepeso/obesidade de 40,0% das meninas do presente estudo. Também é digno de nota o percentual de meninas eutróficas que referiram algum nível de insatisfação, provavelmente em função do ideal de beleza – magro e esguio – reforçado pela mídia e pelo crescente espaço da profissão de modelo em todo o mundo.

Por fim, verificou-se a existência de uma menina abaixo do percentil 15 com importante distorção de sua imagem corporal. Essa situação é uma das causas de distúrbios alimentares do tipo de bulimia ou anorexia, cada vez mais prevalentes em nosso meio.²⁶

Em Gravataí, a maioria das escolares mostrou-se satisfeita com sua imagem corporal. As meninas não brancas, particularmente, revelaram uma percepção mais positiva. A maior frequência de insatisfação com o corpo foi encontrada entre as adolescentes com sobrepeso/obesidade e na fase pós-puberal.

Frente aos achados deste estudo, os educadores e os profissionais de saúde devem estar atentos à existência de insatisfação com a imagem corporal entre estudantes do ensino fundamental e, portanto, ao desenvolvimento de ações visando à melhora da autoestima entre estes. É necessário questionar com as adolescentes os padrões de beleza socialmente aceitos, embora pouco saudáveis, e estimular escolhas que promovam sua saúde, como a atividade física e a alimentação saudável. Também é fundamental a realização de atividades que estimulem a autoestima, fortalecendo na adolescente a confiança em sua atratividade, bem como a aceitação social e o estabelecimento de vínculos amorosos.³

Referências

1. Assis SG, Avanci JQ, Silva CMFP, Malaquias JV, Santos NC, Oliveira RVC. A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2003; 8(3):669-680.
2. Campagna VN, Souza ASL. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. *Boletim de Psicologia*. 2006;56(124):9-35.
3. Aerts D, Madeira RR, Zart V. Imagem corporal de adolescentes escolares em Gravataí-RS. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 2010; 19(3):283-291.
4. Chipkevitch E. O adolescente e o corpo. *Pediatria Moderna*. 1987;22(6):231-237.
5. Tavares MCF. Imagem corporal: conceito e desenvolvimento. São Paulo: Manole; 2003.

6. Kelly AM, Wall M, Eisenberg ME, Story M, Neumark-Sztainer D. Adolescent girls with high body satisfaction: who are they and what can they teach. *Journal of Adolescent Health*. 2005;37(5):391-396.
7. Coelho EJM, Fagundes TF. Imagem corporal de mulheres de diferentes classes econômicas. *Matriz*. 2007;17(2):37-43.
8. McCabe MP, Ricciardelli LA. Sociocultural influences on body image and body changes among adolescent boys and girls. *The Journal of Social Psychology*. 2003;143(1):5-26.
9. Silva RCR, Malina RM. Nível de atividade física em adolescentes do Município de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*. 2000;16(4):1091-1097.
10. Fonseca VM, Sichieri R, Veiga GV. Fatores associados à obesidade em adolescentes. *Revista de Saúde Pública*. 1998;32(6):541-549.
11. Neumark-Sztainer D, Paxton SJ, Hannan PJ, Stat M, Haines J, Story M. Does body satisfaction matter? Five-year longitudinal associations between body satisfaction and health behaviors in adolescent females and males. *Journal of Adolescent Health*. 2006;39(2):244-251.
12. Conti MA, Gambardella AMD, Frutuoso MFP. Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes e sua relação com a maturação sexual. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. 2005;15(2):36-44.
13. Branco LM, Hilario MOE, Cintra IP. Percepção e satisfação corporal em adolescentes e a relação com seu estado nutricional. *Revista de Psiquiatria Clínica*. 2006;33(6):292-6.
14. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sistema IBGE de recuperação automática [acessado em 15 abr. 2009]. Disponível em www.sidra.ibge.gov.br.
15. Cooper PJ, Taylor M, Cooper Z, Fairburn CG. The development and validation of the body shape questionnaire. *International Journal of Eating Disorders*. 1987;6(4):485-494.
16. Conti MA, Cordas TA, Latorre MRD. A study of the validity and reliability of the Brazilian version of the Body Shape Questionnaire (BSQ) among adolescents. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*. 2009;9(3):331-338.
17. Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. Critérios de classificação Econômica Brasil. São Paulo: Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa; 2005 [acessado em 24 ago. 2010]. Disponível em <http://www.abep.org>
18. International Physical Activity Questionnaire. Guidelines for data processing and analysis of the International Physical Activity Questionnaire (IPAQ) – short and long forms. [acessado em 14 jul. 2008]. Disponível em www.ipaq.ki.se
19. Tanner JM. Growth at adolescence. Oxford: Blackwell; 1962.
20. World Health Organization. Physical status: the use and interpretation of anthropometric. Geneva: World Health Organization; 1995.
21. Must A, Dallal GE, Dietz WH. Reference data for obesity: 85th and 95th percentiles of body mass index (wt/ht²) and triceps skinfold thickness. *The American Journal of Clinical Nutrition*. 1991;53(4):839-846.
22. Cole TJ, Bellizzi MC, Flegal KM, Dietz WH. Establishing a standard definition for child overweight and obesity worldwide: international survey. *BMJ*. 2000;320(7244):1240 [acessado em jul. 2006]. Disponível em http://www.bmj.com/cgi/content/full/320/7244/1240?maxtoshow=&HITS=10&hits=10&RES ULTFORMAT=&author1=Cole&fulltext=obesity&and/or exactfulltext=and&searchid=1110981753931_9975&stored_search=&FIRSTINDEX=0&sortspec=relevance &resourcetype=1
23. Fernandes AER. Avaliação da imagem corporal, hábitos de vida e alimentares em crianças e adolescentes de escolas públicas e particulares de Belo Horizonte [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte (MG): Universidade Federal de Minas Gerais; 2007.
24. Triches RM, Giugliani ERJ. Insatisfação corporal em escolares de dois municípios da região Sul do Brasil. *Revista de Nutrição*. 2007;20(2):119-128.
25. Pinheiro AP. Insatisfação com o corpo, auto-estima e preocupações com o peso em escolares de 8 a 11 anos de Porto Alegre [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2003.
26. Alves E, Vasconcelos FAG, Calvo MAM, Neves J. Prevalência de sintomas de anorexia nervosa e insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino do Município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*. 2008;24(8):503-512.

27. Ricciardelli LA, McCabe M. Children's body image concerns and eating disturbance: a review of the literature. *Clinical Psychology Review*. 2001;21(3):325-344.
28. Russo R. Imagem corporal: construção através da cultura o belo. *Movimento & Percepção*. 2005;5(6):80-90.
29. Batista LE. Mulheres e homens negros: saúde, doença e morte [Tese de Doutorado]. Araraquara (SP): Universidade Estadual Paulista; 2002.
30. Neumark-Sztainer D, Croll J, Story M, Hannan PJ, French SA, Perry C. Ethnic/racial differences in weight-related concerns and behaviors among adolescent girls and boys: findings from Project EAT. *Journal of Psychosomatic Research*. 2002; 53(5):963-974.
31. Caradas AA, Lambert EV, Charlton KE. An ethnic comparison of eating attitudes and associated body image concerns in adolescent South African schoolgirls. *Journal of Human Nutrition & Dietetics*. 2001;14(2):111-120.
32. Saur AM, Pasian SR. Satisfação com a imagem corporal em adultos de diferentes pesos corporais. *Avaliação Psicológica*. 2008;7(2):199-209.
33. Kakeshita IS, Almeida SS. Relação entre índice de massa corporal e percepção da auto-imagem em universitários. *Revista de Saúde Pública*. 2006;40(3):497-504.
34. Conti MA, Gambardella AMD, Frutuoso MFP. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. *Revista de Nutrição*. 2005;18(4):491-497.
35. Almeida GAN, Santos JE, Pasian SR, Loureiro SR. Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: estudo exploratório. *Psicologia em Estudo*. 2005;10(1):27-35.

Recebido em 27/09/2010
Aprovado em 23/03/2011